

Os esquecidos problemas do povo

Em duas reuniões, intelectuais da elite e militantes pobres chegam às mesmas conclusões

No último mês de setembro participei de duas atividades muito importantes, que gostaria de compartilhar com vocês.

A primeira foi um seminário anual, do qual fazem parte 50 figurinhas difíceis de nossa sociedade, entre empresários, acadêmicos, cientistas, artistas e representantes dos movimentos populares. O grupo se chama DNA Brasil, numa alusão à necessidade de nos conhecermos, enquanto povo brasileiro. A ideia de formar um grupo tão plural, porém bem representativo da sociedade, partiu do nosso bom burguês Ricardo Semler, que costuma criar fantasmas socializantes no meio dos colegas empresários, com sua experiência de compartilhar a gestão, repartir lucros e responsabilidades em suas empresas capitalistas. Ele teve o mérito de conseguir reunir a cada ano, durante três dias, figuras tão dispares, mas que se propõem a discutir o Brasil.

Na reunião deste ano debatemos projetos para o Brasil. Primeiro foram apresentados 14 projetos que estão sendo elaborados por entidades de classe, movimentos e igrejas. Depois procuramos identificar o que tinham em comum e formar o nosso próprio juízo. E, finalmente, procuramos elencar medidas fundamentais que deveriam fazer parte de um projeto de desenvolvimento para o país. Houve uma constatação conjuntural, de emergência, de que a atual política econômica não resolve os problemas, da sociedade brasileira. Ao contrário, os agrava. Que precisamos urgentemente mudar a política da taxa de juros, taxa de câmbio e do superávit primário, política que castra os investimentos públicos na economia. E olha que lá estavam João Sayad, Gustavo Franco, Luís Mendonça de Barros, Fernão Bracher, Oded Grajew, Luís Hafers, Horácio Piva etc.

Depois viu-se que é necessário fazer mudanças estruturais que nos levem a uma política de distribuição de renda, para resolver os problemas da população. E a verdadeira solução dos graves problemas do povo poderia ser centralizada em duas questões fundamentais: gerar emprego e universalizar o acesso à educação em todos os níveis.

Houve também defesa de teses complementares, como a importância do investimento em ciência e tecnologia, aproveitar de forma sustentável nossas riquezas naturais, que estão sendo depredadas pela sanha do lucro fácil, com consequências gravíssimas para as próximas gerações e a vida no planeta.

Sai do seminário convencido. Sabemos quais os problemas, quais suas causas, sabemos identificar as saídas e há vários setores da sociedade que querem mudanças. Então o que nos falta? Falta uma força social popular capaz de organizar esse debate e ganhar hegemonia na sociedade, para libertar-se da dependência externa e da missão mediocre e lumpen dos dirigentes políticos que temos. Ou seja, estamos metidos numa grave crise política e ideológica.

SEMINÁRIO POPULAR

Depois estive no Rio de Janeiro, em outro seminário, este mais popular. A Conferência Nacional dos Comitês que Lutam Contra a Fome, em que nosso "Dom Quixote moderno", o Maurício Andrade, reuniu na Ação da Cidadania mais de setecentos líderes populares dos comitês de todo o Rio de Janeiro e representantes de todo o país. Mais dois dias de debates.

E, de novo, qual o diagnóstico para os problemas da pobreza e da desigualdade social que eles enfrentam todos os dias nas comunidades, favelas e periferias das grandes cidades? O desemprego, a educação e a falta de renda. Refletiram sobre a falta de perspectiva de milhões de jovens pobres, que todos os anos completam 18 anos e não têm onde estudar e muito menos onde trabalhar. Cerca de 3,7 milhões de jovens oriundos de escolas públicas fizeram o exame do ENEM em setembro. O governo vai selecionar 193.000 e lhes dará a bolsa do Pro-UNI. Melhor que nada! Mas, e o que farão os outros 3,5 milhões? Nada. E, o pior, no ano que vem chegarão na fila outros 4 milhões.

Ouvi depoimentos emocionados de mães desesperadas, mulheres de fibra, líderes comunitárias que organizam seus vizinhos, atuantes em seus comitês de bairros pobres, disserem que não agüentam mais ouvir os filhos ameaçar que vão se matar porque não têm futuro. Muitos deles, antes que se matar, acabam entrando para o crime e vão parar nas cadeias lotadas, escolas de mais crimes, apregoadas como sucesso pelos alkmims das elites, como se fossem solução para alguma coisa.

Vejam que coincidência. Um grupo das elites intelectuais que conhece a fundo o Brasil pelos livros, pelo estudo. Outro grupo de líderes, comunitários, que conhece a fundo o Brasil pela janela, pelo estômago, pelos vizinhos. E ambos chegaram às mesmas conclusões.

Já no outro mundo, virtual, da televisão, aqueles que pensam que são líderes políticos de nosso povo passaram 45 dias mentindo, para tentar pegar uma boquinha nos cargos públicos. Mas os problemas do povo, o debate sério sobre o Brasil do futuro, nada!

Bem, algum dia essa patética dicotomia entre a política e o Brasil real provocará algum tsunami popular. Espero que não tarde. ▀

João Pedro Stedile é membro da Coordenação Nacional do MST e da Via Campesina Brasil.